

À Hanagá Artzit. Chaver Raymond

Jerusalém, 14 de maio de 70

Shalom Rav!

É realmente uma falha, mas é a primeira que me dirijo oficialmente à Fund. A Knesset brasileira do Shul no Madron é com razão considerada o grupo mais heterogêneo e independente dos que aqui se encontram e por isso eu resolvi tomar a liberdade de escrever por conta própria, em geral como opiniões pessoais, sem apontar nenhuma definição em conjunto dos outros chaverim, mas também com responsabilidade pessoal.

Creio que a situação de um modo geral é bastante conhecida, no sentido de termos informado como se desenvolve de maneira particular, esse mês.

Por uma questão de organização passa a receber anúncios, respondendo aos pontos tocados na carta por nós redigida, pela ordem, reafirmando a responsabilidade individual e pessoal das opiniões emitidas:

Quanto ao Shul, não deve mudar muito do já tradicional e conhecido a não ser de que temos agora estabelecido novo Rabbis de Hochshardt que substitui o Dr. no Galil e já mantemos um contato muito superficial com alguns chaverim quando entrevistamos o Pessach, trabalhando durante 5 dias em Afikim. Em geral creio que entramos só os filhos havendo o único problema de que é um babilônia de fala inglesa e a babilônia sul-americana talvez possa se encontrar deslocada. Daqui a 2 semanas, deve haver em São Paulo um encontro entre Schatz, Madron e fundo de participantes de chaverim do Babilônia, entre os quais Dos Zanis.

A princípio, o Rabbis com o Shul estava muito desorganizado, por motivo de substituição no quadro de responsáveis sendo que há pouquíssimo tempo começaram a indicar uma certa estabilização desse diretor. A Miriam participou, mas agora o Rabbis oficial é o chaver Aldo, o mesmo do Shatz. Deve ser do conhecimento de todos ali que o chaver Leib Golan, membro da Hanagá Olamit, se prepara para viajar essa semana ainda (ainda) para a América do Sul. Antes disso porém ele pretende conferenciar com os chaverim americanos e para tanto formou comitados oficialmente a comparecer na sede mundial, em Tel Aviv, tendo sido a viagem na manhã cancelada por motivos de saúde de um chaver da comunidade argentina, há poucos dias em Mafatim. Se trata do chaver Efraim, chaver madron e madrich do Seminário Le Peretz, § 3.

Fomos bastante bem recebidos em São Paulo, cujo Rabbis no Madron lamentou que no momento não sei por que interrompeu o encontro de alguns gêneros, normalmente. Eu pessoalmente não entrei muitas vezes lá, mas não tenho que queixar. O Mishkel me parece bem nos unindo em que o encontro. Trabalhamos na migração e temos contatos com o pessoal conhecido ou seja, Pinduka, Joshua, Phillip... O meu pai é o Arabe.

Passamos agora a um ponto sempre muito conturbado e extenso. Chama interna, de grupo, falando-se em um todo (incluindo também a chama e mexicana, fora os anglo-saxões, australianos, sul-africanos e new-zealandeses, 16 no total que formam uma babilônia a parte) sincrética. O que existe são contatos particulares e esparsos. Em geral não temos ouvido mencionar gêneros fortes contra-ideologias (tempo com que quis) levando isso a que isso cause mais do que o tipo de batalha jogada. "Gracay a deus", não existe pelo menos o "ateísmo ideológico" que vemos em outras babilônias e muitas vezes o liberalismo do Shul é manifesta de maneira positiva. Nunca soube formar a princípio tentou se libertar. For formada uma babilônia dupla mestre-judex que funacionou "normalmente" durante 1 mês e depois se demandou por problemas de "...". Dentro participaram Gibon, David e o próprio missivista, ficando os outros na indefinição. Aqui no Madron, não tem havido grande problema, nem porque o que há pode ser considerado uma neutralidade mutua, coisa que pela própria característica do madron não incomoda pois estamos misturados entre 130. Com a babilônia anglo-saxônica como é óbvio, os contatos são mínimos, e os problemas podem começar a surgir quanto tudo isso se juntar, sem alivadores das tensões, por época da Hochshardt entre 1970. Estamos aqui dispostos a tentar de todas as formas contornar e controlar a situação de melhor forma possível.

Quando à Europa de Schmat Wachshausi, há muito pouco contato, mas não há problema de se falar alguma.

O último ponto da a entender da carta fina que é a última correspondência que recebemos, coisa que infelizmente que não aconteça e por isso é perda ter oportunidade de agregar tudo o que aqui faltou na próxima carta.

A Iachuerai não é um dos meus hobbies, mas caso eu possa ser informado de maneira completa do que se passa ai na terra, no Brasil São Paulo, com respeito a chabad, organizações e também política, o endereço é conhecido e o nome para quem quer uma correspondência mais particular, também.



Por hoje, acho que não há mais muito a dizer, a não ser as saudações e as despedidas. Cordialas saudações e Shalom

aleh V'hagshen

JulioWachawski

P.S. → Só um pequeno detalhe que não foi perguntado. Quanto ao nível, demonstraremos tudo na volta!